

A reacção conservadora pretende vibrar um golpe militar. O povo trabalhador deve responder-lhe com energia e altivez!

Só os ingénios poderão duvidar de que os reacção-
nários se preparam para impôr ao país uma ditadura
militar. Desde a intenção do 18 de Abril que se está
deitando lenha na fogueira conservadora onde se pro-
jecta queimar, num famoso auto de fé, todos os que
em Portugal desejam viver em Liberdade.

A intriga que se teceu em torno da chamada «Le-
gião Vermelha»; a especulação que se fez com uma
frase inofensiva dum ministro esquerdista; os cânticos
que se ergueram aos homens que chefiaram o movi-
mento «abrilista» e, finalmente, o comício que se rea-
lizou durante dias seguidos nas barbas da democra-
cia, não visavam outra cousa que não fosse o am-
biente favorável ao estrangulamento das poucas, das
«scasas liberdades que restam ao povo português».

Tais especulações não seriam possíveis nem en-
contrariam eco nas almas simplistas se os republica-
nos de barriga que nos têm governado não lhes pre-
parassem terreno com o «ruído da mastigação», com
os escândalos, incompetências e desleixos da sua
administração. Mas esses escândalos, essas incompe-
tências, esses desmandos não justificam o advento
duma ditadura reacçãoária que, afirmando desejar pôr
côbro a tais imoralidades pretende apenas estrangular
o povo, entregá-lo inerte aos inimigos de sempre, às
forças vivas, à reacção religiosa, à brutalidade mo-
nárquica.

As palavras de rancor dos aspirantes a ditadores,
os incitamentos ao massacre, os insultos, a pretexto
de que o parlamento é estéril e os governos são ine-
ptos, visam apenas o proletariado, o povo ludibriado,

que nos momentos de angústia se revolta, sem ter a
orientação necessária para manter os direitos con-
quistados. E' contra a república que se prepara, neste
momento, após o triunfo da Sala do Risco, o golpe
de morte—mas esse golpe de morte na democracia
traz a intenção odiosa de ferir o povo trabalhador em
pleno peito. Os ditadores pretendem passar sobre o
cadáver da república para se lançar sobre o povo leal
e desarmado.

Não se acusam os republicanos dos erros de admi-
nistração que cometeram e que tantos sofrimentos
causam ao país—acusam-se de transigência perante as
poucas conquistas morais e materiais alcançadas pela
classe operária. Esses embriões de ditadores não
odeiam a república (a-pesar de tudo tão ingrata para
o povo trabalhador que por ela tem dado desinteres-
sadamente o seu sangue) pelos defeitos que lhe são
inerentes como regime capitalista—odeiam-na porque
não reduziu ao silêncio a voz dos explorados que os
incomoda; odeiam-na porque não algemou todas as
consciências rectas; odeiam-na porque ela permite
ainda, embora de má vontade, que o proletariado
afirme as suas aspirações nobres; odeiam-na porque a
pólicia ainda não matou, sob o pretexto de hipotéti-
cas fugas, todos os militantes operários; odeiam-na
porque ainda não encerrou as portas da Confedera-
ção. Odeiam-na porque não estrangulou A Batalha!
Odeiam-na porque não reduziu o trabalhador à con-
dição de escravo, sem direitos, produzindo para as
três castas parasitárias: os militares, «as forças vivas»
e a Igreja!

E' um regime constituído pelos generais enfatu-
dos, pelos comerciantes ladrões e pelo clero hipócrita,
traidor ao alto pensamento cristão, que se pretende
estabelecer em Portugal. E' a força bruta para domi-
nar, a religião para embrutecer e o capitalismo para
roubar! E' o espírito militar, o espírito religioso e o
espírito de rapina! A trindade sinistra!

E' esta trindade que se propõe — ó ironia! — pôr
em ordem as finanças, levar a tranquilidade aos espí-
ritos e resolver o problema económico.

A espada afiada e nua julga-se apta a regular os
direitos do povo; a venenosa serpente de Roma a
tranquilizar os espíritos do nosso século, que já não
se satisfazem com a promessa longínqua da felicidade
celeste; o báculo a administrar o complexo trabalho
do povo laborioso!

E o povo? O povo não é ninguém. E' para os ho-
mens do 18 de Abril uma massa desprezível que se
deve talhar ao molde dos seus caprichos, à ponta de
espada e a tiro de canhão.

E o direito à Liberdade? E' uma cantiga liberal
que eles reduzirão ao silêncio, por meio da força e
da deportação.

E a liberdade de pensamento? Uma coisa despre-
zível que se eliminará amoldando a imprensa que
se atreva a proclamar a Verdade.

Há, porém, um adversário que os propostos dita-
dores não conseguirão atingir: a consciência do povo
e a lei inalterável do progresso. E se a rebeldia re-
dentora não souber neste momento de indecisão ar-

rastar no seu entusiasmo as multidões generosas e
os homens de ideais levantados — ai do povo, que
duros momentos irá passar!

A ocasião não é para hesitações. O inimigo afia a
espada. Em guarda! E' necessário apagar-lhe o golpe
com mestria e responder-lhe com altivez!

Então, onde estão as provas?

Pela terceira e última vez, convidamos o major
sr. Joaquim Abranches a apresentar as provas claras
e inofensivas das acusações que na Sala do Risco
formulou contra A Batalha.

O sr. Abranches afirmou e os jornais reproduzi-
ram as suas palavras, sem que qualquer desmentido
surgesse, que «A Batalha preparou a atmosfera e
gratificou o atentado contra o sr. Raúl Esteves». Afirmou, tem que justificar a sua afirmação. De con-
trário, continuando a manifestar-se pelo silêncio com-
prometedor e impróprio duma criatura que preza o
seu nome a sua dignidade, levar-nos-há a qualificar a
sua conduta moral como entendemos.

Um homem que acusa e não prova as suas acu-
sações, é um caluniador — e um caluniador está su-
jeito a que o caluniado, num legítimo gesto de desa-
fronta — o insulte.

Pela última vez, porque não podemos gastar o
nosso tempo a fazer-lhe convites amáveis, convida-
mos o major sr. Joaquim Abranches a provar pública-
mente as suas acusações.

O I Congresso Confederal--IV Nacional Operário--encerrou os seus trabalhos no meio do maior entusiasmo

7.ª sessão

Foi aprovada a tese «Educação»

SANTARÉM, 27.—A 7.ª sessão abriu às
8,30 horas. Entre os assistentes encontram-
se grande número de elementos operários
que vieram assistir aos últimos trabalhos
do Congresso Confederal e que desde on-
tem à noite se encontram nesta cidade.

Presidiu Alves Pereira, S. Litógrafos do
Pórtico; Secretário Vergílio Moura Santos,
S. Compositores Tipográficos de Lis-
boa; Gabriel Moura Pais. Depois de lidas
declarações de vários delegados que se re-
tiraram, M. J. de Sousa procede à leitura da
tese «Educação».

João Miranda apresenta a proposta se-
guinte que o congresso aprova:

«O Congresso decide que pelo menos
nos maiores centros do país as Unões e
respectiveiros Sindicatos se esforcem pela
criação imediata de aulas de Esperanto».

Santos Arranha propõe:

«O Congresso reconhece como conveni-
ente e para ser adoptado pelas centrais a
criação nos bairros de população fabril de
instituições que permitam resguardar do
ambiente delictório das ruas, ministrando
educação sobre as bases preconizadas na
tese educação, crianças de ambos os sexos
para cuja manutenção as famílias contri-
buam com uma cota o mais diminuta pos-
sível».

Tanto este como o documento de J. Mi-
randa foram aprovados e com eles a tese
«Educação». O documento de Arranha re-
solveu-se que baixasse a tese «Mulheres e
menores».

Discute-se agora a tese «Emigração e
mao de obra», relatada por M. J. de Sousa.
Depois de lidas as suas conclusões, o re-
lator diz que o seu sindicato o incumbiu
de apresentar o documento seguinte:

«Que a C. G. T. chame a atenção do
professorado primário português para este
importante problema, posto que, pelo exer-
cício da sua profissão e pela influência di-
recta que podem exercer nas populações
das quais são maior número de emigrantes,
muito podem contribuir para a realização
dos objectivos expostos».

Depois de admitido J. Miranda manda
para a mesa esta proposta:

«A C. G. T. por todos os meios ao seu
alcance deve evitar que os operários portu-
gueses emigram sem se munirem duma cre-
dencial e respectiva caderneta confederal,
devendo a C. G. T. estabelecer relações
neste sentido com os organismos sindicais
dos outros países de forma a não consen-
tirem que os emigrantes exerçam a sua ac-
tividade sem que apresentem os referidos
documentos».

Todos estes documentos foram aprova-
dos e com eles as conclusões, I, II.
Sobre a conclusão III, Santos Arranha
propõe a seguinte alteração:

«O Congresso tem em atenção que dos
emigrantes, uns por não possuírem a бага-
gem necessária de conhecimentos profissio-
nais, outros porque possuindo-os são to-
davia forçados a mudar de profissão, e ain-
da a grande maioria por carência de requi-
sitos mentais, sujeitam-se em países extra-
nhos a mais inferiores condições de traba-
lho e de salário, o que, se para si é extre-
mamente prejudicial...» etc.

Artur Cardoso alvitra que fique a cargo
da C. G. T. a elaboração duma cartilha que
servirá de guia aos operários e para a pro-
paganda a realizar neste sentido.

Saul de Sousa envia para a mesa este do-
cumento:

«Que a C. G. T. convide a A. I. T. a en-
viar aos organismos seus aderentes, estatís-
ticas sobre o salário e demais condições de
trabalho em cada país, para o que estes
fornecerão a todos os informes necessários».

Admitida, Santos Arranha propõe:

«Que a C. G. T. para desenvolvimento
da capacidade mental e intelectual dos pro-
prios emigrantes e como elemento de de-
fesa para os mesmos, aceite a colaboração
de todas as instituições de ensino caracte-
risticamente liberal, tais como: Universi-
dades Livres, Universidades Populares, etc.,
não desprezando também a colaboração in-
dividual de professores de ensino livre e
de espírito afim».

Admitida, Pereira Braga entende que
deve ficar esclarecido que a C. G. T. não
pretende entrar a emigração, mas apenas
regularizá-la.

António Tomás explica como é feita a
emigração dos rurais, especialmente para
Espanha. Depois foi aprovado o documento
de Saul de Sousa e toda a tese.

8.ª sessão

As condições de trabalho nas colónias

A's 9,30 horas abriu a 8.ª sessão que foi
presidiada por Francisco Viana, S. U. Meta-
lúrgica de Lisboa; Secretário João Miranda,
F. Civil.

Discute-se a tese: «Condições de traba-
lho nas colónias». Foram aprovadas sem
discussão as conclusões I, II, III e IV. Sobre
a V Saul de Sousa propõe:

«O Congresso delibera finalmente que a
C. G. T. por intermédio dos organismos
seus aderentes, leve à prática o «Dia do
Escravo Negro», consagrando esse dia a
uma manifestação nacional de protesto con-
tra o despotismo que na África é exercido
sobre os nossos irmãos de raça negra».

M. J. de Sousa diz que só aceita a pro-
posta como complemento e nada mais.

Ferreira da Silva apresenta o seguinte
aditamento:

«Que o Congresso Confederal indique à
A. I. T. para que das centrais operárias
aderentes, pertencentes aos países que
sejam colonizadores ou protectorados se for-
me uma comissão de estudo às possessões
coloniais».

Admitida, João Timóteo diz que está de
acôrdo com a tese e Silvino Noronha e
António Braz produzem interessantes con-
siderações sobre a situação dos negros em
África.

M. J. de Sousa defende a tese e Manuel
Fortunato requer que seja posta à votação
a proposta de Saul de Sousa com prejuizo
dos oradores. Foi aprovado, ficando igual-
mente aprovada a tese.

Discute-se o relatório da Comissão
de Pareceres

Seguiu-se Joaquim do Carmo, relator da
comissão de pareceres, que lê ao congresso o
relatório.

Discutiram o parecer Emídio Santana,
João Gomes, José da Costa e António Fer-
nandes Junior que propõe o seguinte:

«1.º—Que todos os serviços de cargas e
descargas em caes e docas sejam execu-
tados por descarregadores de mar e terra
devidamente organizados;

«2.º—Que todos os indivíduos que actual-
mente executam todas as cargas e descar-
gas e que não estão sindicados nos sindi-
catos de D. M. T., que ingressem imedia-
tamente nestes».

Silva Campos propõe que o assunto de-
scarregadores e corticeiros baixe à futura
sessão de federações para, juntamente com
outros documentos sobre o assunto ter a
devida solução. Foi aprovado.

Saul de Sousa apresenta a seguinte moção
de ordem:

«O Congresso ouvindo ler o parecer da
respectiva Comissão sobre o parecer apre-
sentado pela F. Juventudes Sindicalistas, e
considerando, que aos militantes operários
cabe o dever de dar completa execução às

resoluções do Congresso da Covilhã, passa
à restante ordem dos trabalhos».

Santos Arranha em questão prévia, pro-
põe:

«O Congresso Confederal resolve que
todos os trabalhos extensos a publicar em
A Batalha pelos organismos confederados e
juventudes sejam gratuitos quando não im-
pungem a adopção de folha suplementar».

Os documentos de S. Campos, S. de Sou-
sa e Santos Arranha são aprovados junta-
mente com o relatório da comissão de pa-
receres.

Alves Pereira, da comissão de última re-
dacção aos artigos V, VI, VII, lê ao con-
gresso o resultado dos seus estudos, que é
do seguinte teor:

Capítulo V—Do Comité Confederal

Art. 16.º—O Comité Confederal é cons-
tituído por sete membros nomeados em
Congresso. Destes sete membros, três cons-
tituirão o Secretariado, segundo a condição
XIII da carta orgânica (Organização Social
Sindicalista), ficando os restantes membros
constituindo a Comissão Administrativa.

§ único. Fazem também parte do Comité,
o director de A Batalha e o secretário da
Comissão de Assistência Jurídica e de So-
lidariedade, que serão nomeados pelo Con-
selho Confederal.

Ordinariamente o Comité reúne-se duas
vezes por mês, e extraordinariamente, todas
as vezes que as necessidades o exigirem, e
são suas atribuições:

1.º Verificar da execução das resoluções
do Conselho Confederal e resolver sobre
todas as questões que lhe sejam presentes
e sobre as quais não se tenha pronunciado
o Conselho.

2.º—Atender às necessidades da represen-
tação da C. G. T. e da propaganda no país,
sempre que o Conselho não se possa pro-
nunciar neste sentido com a antecedência
necessária.

CAPÍTULO VI

Do Secretariado Confederal

Art. 17.º—O Secretariado é composto de
três membros: secretário da comissão admi-
nistrativa, secretário da secção das Federa-
ções e secretário da secção das Unões ou
Câmaras Sindicais.

Compete ao Secretariado:

1.º—Comparar às reuniões do Comité
e Conselho Confederal, relatando todas as
propostas do Comité, das Secções e da Co-
missão Administrativa.

2.º—Representar a C. G. T. sempre que
seja necessário, e quando o Conselho não
tenha nomeado delegados para tal fim.

CAPÍTULO VIII

Da Comissão Administrativa

Art. 18.º—A administração económica da
C. G. T. está a cargo da Comissão Admi-
nistrativa, composta de cinco membros: um
secretário efectivo, secretário-tesoureiro,
dois secretários adjuntos e um secretário-
arquivista. E incumbem-lhes:

1.º—O secretário efectivo fazer toda a cor-
respondência administrativa e assinar os
documentos de caixa.

2.º—O secretário-tesoureiro, arrecadar as re-
ceitas e dar todos os esclarecimentos sobre
o estado económico da C. G. T., conferir a
caixa mensalmente e pôr o visto nos livros
respectivos.

3.º—Os secretários-adjuntos fazer as «actas
da comissão administrativa e substituir nos
seus impedimentos os secretários efectivo
e tesoureiro.

4.º—O secretário-arquivista, ter a seu cargo
o arquivo e a biblioteca confederal.

§ 1.º—A comissão apresentará trimestral-
mente ao Conselho Confederal um balan-
ço do movimento económico da C. G. T.,
claramente escriturado, pondo à disposição
dos delegados ao Conselho, para consulta,

os livros de escrita ou documentos, quando
devidamente autorizado pelo Conselho Con-
federal.

§ 2.º. A escrita económica da Confedera-
ção deverá ser feita por pessoal técnica-
mente habilitado sob o «controle» do se-
cretário-tesoureiro.

Artigo 19.º. Todos os serviços prestados
por qualquer comissão ou delegacia serão
gratuitos, quando não tenham de perder
trabalho; porém, os dias perdidos para
esse fim serão pagos por igual salário ao
que os comissionados auferem no exercí-
cio da sua profissão. Os transportes e hos-
pedagem ser-lhes-hão igualmente pagos.

Artigo 20.º—O Comité servirá de Con-
gresso a Congresso; mas o Conselho Con-
federal tem prerrogativa para substituir
qualquer dos seus membros ou a sua to-
talidade, quando as circunstâncias assim o
exigirem».

O Congresso aprova que os artigos su-
periores fiquem com a redacção proposta por
esta comissão.

Passa-se depois à eleição do Comité Con-
federal.

Jerónimo de Sousa propõe que a eleição
se faça por escrutínio secreto, o que é
aprovado. Suspende-se em seguida a ses-
são às 11,25 horas, para os congressistas
confeccionarem as listas, visto a mesa de-
ixar isso ao critério de cada congressista.

Só às 13,30 é que pôde ser conhecido o
resultado da votação, anunciado pelos es-
crutinadores Alves Pereira e António de
Carvalho.

O apuramento deu o seguinte resultado:
para o Secretariado: Silva Campos, secre-
tário administrativo; Tavares Adão, secre-
tário da Secção de Federações; José Mar-
tins Grilo, secretário da Secção de Unões.

Para a comissão administrativa: Carlos Jo-
sé de Sousa e Silvino Noronha, secretários
adjuntos; Francisco Viana, secretário te-
soureiro; Manuel Joaquim de Sousa, secre-
tário arquivista.

O congressista mais votado na generali-
dade foi José Martins Grilo, da Federação
da Indústria Móvel.

Manuel Joaquim de Sousa declara que
não aceita o cargo para o qual foi eleito. Para
que não possam surgir dúvidas sobre a sua
atitude explica ao congresso que de há
muito tinha tomado essa resolução.

Alguns congressistas pretendem que o
candidato mais votado imediatamente a M.
J. de Sousa no cargo de secretário arqui-
vista, seja conhecido como eleito. Porém, a
requisição de S. Arranha o Conselho Con-
federal é que substituirá os membros
do Comité eleito no congresso e que se re-
cusem a fazer parte dele.

Sobre a indicação do local do futuro
congresso, Santos Arranha requer que a
sua demarcação fique para resolução do
Conselho Confederal, depois dum «refere-
ndum» aos sindicatos. Foi aprovado.

Alves Pereira apresenta a seguinte pro-
posta:

«Propõemo que, de futuro, todos os tra-
balhos a apresentar aos Congressos Con-
federais sejam publicados com a devida an-
tecedência na Batalha, mas em forma de
livro e de modo que se possam brochear ou
encadernar».

Aprovado e lida a saudação seguinte da
Federação Metalúrgica:

«A Federação Metalúrgica em Portugal
neste momento solene manifesta a sua má-
xima satisfação pela forma grandiosa como
decorreu esta magna reunião de trabalha-
dores conscientes, que, após um trabalho
extenuante, algo de útil e produtivo con-
cluíram—cuja bases são a garantia de me-
lhores dias para as gerações vindoras».

Assim, espera que os congressistas ao
regressarem aos seus organismos façam
tudo o possível para pôr em prática as re-
soluções tomadas nesta memorável reunião

proletária, dentro das possibilidades dos
respectivos organismos.

Não pode também a Federação Metalúrgica
esquecer os seus irmãos de além fron-
teiras e presos por questões sociais. Assim,
pede, aos delegados dos organismos a que
eles pertencem que em nome dos trabalha-
dores portugueses levem as nossas sauda-
ções fraternais. E para aqueles que aqui
não se fizeram representar directamente vão
também as nossas saudações.

A's vítimas da reacção capitalista envia a
sua solidariedade em prol da sua libertação.

Não pode este organismo também esque-
cer a A. I. T., não só por ser a Internacio-
nal em que os trabalhadores portugueses se
encontram ligados como também pelos
princípios preconizados pela mesma e assim
saída—na pessoa do camarada Armando
Borghi, seu representante, fazendo vo-
tos pela próxima unidade dos trabalha-
dores baseada nos princípios Sindicalistas
Revolucionários.

Foram igualmente lidas saudações do
quadro tipográfico de A Batalha, S. Ta-
noeiros de Lisboa, S. Descarregadores de
Mar e Terra de Almada e do delegado do
S. Construção Civil do Faial.

O presidente, em seguida, procedeu à le-
itura da seguinte declaração:

«Presados camaradas congressistas: Não
tendo conseguido ontem, no meio da con-
fusão estabelecida no congresso acerca da
delegacia do sindicato dos Empregados no
Comércio de Santarém, justificar a situa-
ção deste, venho declarar ao congresso o
seguinte: O Sindicato contra cuja delegacia
a Junta Sul da Federação protestou, consi-
dera-se confederado e, conquanto já não
me seja dado apreciar a resolução do con-
gresso, afirmo que o mesmo sindicato ade-
riu à C. G. T. há já anos, e consumiu o
seu confederal durante muito tempo não
requistando agora expediente, não por dis-
cordância com a directriz da Central Ope-
rária, mas sim devido à deficiência da cota
sindical, situação aliás justificada oficial e
publicamente à C. G. T. Mais afirmo que
este sindicato defendeu e respeitou sempre
os princípios Sindicalistas Revolucionários.

Antes de terminar o congresso apresentamos as
nossas saudações sindicais. — José Fra-
goso, delegado do Sindicato dos «Emprega-
dos no Comércio, Santarém, 27-9-25».

Falou sobre este documento Jerónimo de
Sousa que teve um longo elogio à dedi-
cação de José Frago do trabalho do Con-
gresso Confederal em Santarém. Depois
manda para a mesa a seguinte moção:

«O congresso, lamentando que a Associação
dos Empregados do Comércio de San-
tarém não tivesse a sua situação regu-
larizada na C. G. T. a fim de o seu seio
ter assento resolva manifestar ao camara-
da José Caetano Frago, o seu reconheci-
mento pelos esforços empregados para que
esta magna assembléa se realizasse com fa-
cilidade nesta cidade, fazendo votos para
que aquela Associação regularize a sua si-
tuação ao lado da população confederada».

M. Nunes associa-se a este documento,
em nome da comissão organizadora. Esta
moção foi aprovada por aclamação com
uma quente salva de palmas.

Chegaram à mesa mais as seguintes sauda-
ções: Carlos de Araújo, José Cebola e
Justino Amendeiro. Depois foi lido e apro-
vado o parecer da comissão revisora de
contas da C. G. T.

O encerramento do Congresso foi entu-
siástico

No encerramento falaram M. Henrique
Rijo, Santos Ivo, António de Sousa, Alfre-
do Pinto, Carlos Costa, Joaquim Cande-
ira, Ernesto dos Santos e Alves Pereira.

Depois foi apresentado ao congresso o
delegado da C. N. T., Segundo Blanco, que

é recebido aos vivos à organização ope-
rária.

O camarada Segundo Blanco fala em se-
guida, saudando o Congresso em nome da
C. N. T. e congratulando-se com as suas
resoluções, especialmente as referentes à
«Frente Unica».

A frente unica — afirma — está feita. Se
os comunistas a desejam vão para dentro
dos sindicatos e não venham cá para fora
estabelecer a scisão. Procedendo assim não
têm autoridade moral para defenderem a
frente unica que só a eles aproveita.

A imprensa revolucionária é acusada
de combater sistematicamente a revolu-
ção russa. Ela defende apenas os revolu-
cionários sindicais e anarquistas dos
ataques do governo bolchevista, e procura
destruir o sistema de organização social
adoptado na Rússia. O mesmo faz A Bata-
lha, jornal combativo e bem orientado, e
por isso é combatido pelos comunistas que
desejam ascender a uma situação que lhes
permita viver regaladamente.

Tem sido essa obra política a origem
desta luta e na qual os sindicalistas afir-
mam uma independência superior e um es-
pírito revolucionário mais de harmonia
com as aspirações do povo trabalhador.

O Congresso sublinhou com uma salva
de palmas o discurso de Segundo Blanco.

Armando Borghi faz um discurso notável

A seguir Armando Borghi, delegado da
A. I. T. pronuncia o seguinte discurso:

Presados camaradas:—Antes de mais
nada sinto-me obrigado a agradecer ao
Congresso o acolhimento fraternal que do
mesmo recebi e dos camaradas da C. G. T.
Passai alguns dias de intensa emoção, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-

cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-

cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-

cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-

cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-

cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-

cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-
cipalmente porque na vossa discussão, prin-

cipalmente porque na v

Uma opinião clara acerca das deportações

O dr. Nobrega Quintal publicou no Mundo acerca das deportações um artigo dedicado ao dr. João Camoesas. Permittimo-nos, com a devida venia, recortar algumas passagens para as quais chamamos a atenção dos nossos leitores:

Não tem defesa, na questão das deportações, o governo Vitorino Guimarães. Não tem defesa o governo Domingos Pereira, que as mantém com sorrisos e blandícias, pretendendo dar-lhe uma cor legal.

Estava o governo, ao menos, autorizado por uma lei ou por qualquer decreto, publicado ao abrigo de autorizações parlamentares, a ordenar as deportações?

Ainda que estivesse, um diploma desses seria absolutamente inconstitucional. Mas não estava. O decreto que se invoca, aliás inconstitucional, é o 10.773, de 19 de Maio do corrente ano, publicado ao abrigo da autorização concedida ao governo pela lei n.º 1.773, de 30 de Abril. Simplesmente esse decreto não autoriza, de maneira nenhuma, as deportações; regula a forma de julgamento de crimes praticados com o fim de produzir o alarme social, determinando que sejam julgados em comarca diferente daquela em que foi praticado o crime os agentes de diversos crimes taxativamente enumerados. Mas para isso há uma forma de processo estabelecida no decreto. E' inconstitucional, mas ao menos sabe-se em que lei se vive. «Transitado em julgado o despacho de pronuncia—dispõe o art. 2.º—o agente do Ministério Público remeterá certidão dele, por intermédio do procurador da República, ao conselho superior judiciário que, no prazo de oito dias, determinará qual a comarca onde tem de seguir o processo».

Portanto, os homens que estão na Guiné não foram deportados para serem julgados, como muita gente supõe. Foram para lá presos, julgados e condenados pela omni-

potente Segurança do Estado. Não só não foi o conselho superior judiciário, que a face de uma lei—boa ou má—mandou fazer o seu julgamento em comarca diversa da do crime, como nunca podiam ser julgados nas colônias, porque isso seria privá-los da garantia constitucional do júri, que é assegurada a todos os criminosos.

Não se cumpriu com a deportação desses homens a mais ligeira formalidade de processo. Uma polícia—a Segurança do Estado—cuja investigação nem tem força de corpo de delito, prendeu-os, julgou-os sumariamente e condenou-os à Guiné. Nem Constituição, nem leis penais, nem princípios democráticos. Tudo rasgado, tudo postergado, tudo subvertido.

Esob, o ponto de vista moral, os ódios pessoais, cegos e abomináveis, que, exercidos sobre verdadeiros inocentes, representam algumas dessas deportações, meu caro João Camoesas!

Agora, nós, meu caro João Camoesas. Que o nosso amigo Barbosa Viana que, nosso colega na Universidade e meu discípulo, se dispôs a não acompanhar no combate à ditadura de Sidónio Pais, que não tem a nossa tradição republicana e possui um brilhante espírito policial, faça jogos malabares para defender as deportações, compreende-se, vá o termo.

Mas que um homem como João Camoesas, com uma tão bela tradição republicana, com a sua opinião já ligada, direi melhor, comprometida neste caso das deportações, continue a ser membro de um governo que mantém essas deportações, que conserva tantos homens na prisão sem culpa formada e permite todas as violências da polícia—digo-lhe aqui com franqueza, com a lealdade e com a estima de um irmão—é que não só se não compreende como fere profundamente a sensibilidade de todos os seus companheiros de lutas.

elementos de orientação. Berlim não os criou, mas Berlim ajudou-os. Berlim permitiu-vos opor vossos pontos de vista internacionalistas às casernas internacionais que vos propõem.

Eis, pois, um resultado que não deve deixar de ser considerado. E agora a vossa confirmação de adesão a Berlim dará ainda um valor moral ao nosso movimento e será saudada com entusiasmo pelos camaradas dos outros países que talvez ao designarem o camarada Silva Campos para um dos presidentes de uma das sessões do Congresso da A. I. T., em Amsterdã, tivessem tido a impressão desta força moral que se encontrava neste país que no extremo da Europa é espécie de ponte entre os dois hemisférios.

A A. I. T., tem na sua bandeira a mesma fórmula que vós tendes na vossa: Pão e liberdade. Porque a liberdade garante o pão e o pão não garante a liberdade. O pão, sem a liberdade, dá-se aos cães—e mesmo estes são bastante inteligentes para preferirem não estar acorrentados, mesmo que junto deles coloquem muito pão.

Saúdo-vos, pois, camaradas, contente de ter passado estes belos dias entre vós, a ponto de ter esquecido que sou estrangeiro e julgar algumas vezes que estava no meu país. Não sei se nos voltaremos a encontrar ainda. Mas é certo que rostos como os vossos, francos e contentes, em encontro todos os dias nas reuniões dos bons camaradas e encontrá-los hei, principalmente, no dia em que possamos recomeçar a nossa luta em Itália.

Militantes, como eu, sem cuidados aparentes, rudes e francos, poderei encontrar sempre entre os vossos militantes.

Viva a C. G. T. portuguesa! Vivam os nossos camaradas de martírio de Itália e de Espanha! E desejemos que seus movimentos, a U. S. I. e C. N. T., possam ressurgir em breve! Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores!

Ao terminar foi muito aplaudido, enquanto o congresso a Internacional. Eram 15 horas quando o Congresso Confederal encerrou os seus trabalhos no meio do maior entusiasmo.

Um agradecimento

A comissão organizadora do Congresso Confederal, pede-nos para tornar público o seu profundo agradecimento à empresa do teatro Sá da Bandeira pela cedência da qual casa de espectáculos para a realização do congresso.

Entre os assistentes foi tirada umaquete a favor dos presos por questões sociais que rendeu 133\$60. Desta importância destinamos \$50\$00 para Filipe José da Costa e 83\$60 para os restantes presos.

Sobre o modo de votar este requerimento falou Manuel Nunes e José de Almeida. O primeiro diz que era conveniente votar simultaneamente o capítulo em discussão e uma questão prévia que tem sobre a mesa. O segundo orador informa que dentro das atribuições que lhe foram conferidas pela assembleia que o elegu não pode votar o capítulo.

Passou depois à votação do capítulo e da questão prévia de M. Nunes que foram aprovados por maioria. A questão prévia de Manuel Nunes é aquela que A Batalha publicou ontem em «Últimas». Com a aprovação do documento supra foi, com a votação telefónica, ratificada a adesão à A. I. T.

A moção de Ernesto Bonifácio ficou prejudicada com o resultado da votação.

Habilidades policiais

Noticiou um jornal da tarde, certamente por informação da polícia, que António Marques, pai do operário metalúrgico José Marques, morto na rua Maria Pia, reconheceu, no preso João da Silva, o assassino daquele.

António Marques procurou-nos para nos informar de ter sido, de facto, acareado com João da Silva, mas que não poderia de forma alguma reconhecê-lo porque no momento em que os tiros foram disparados se encontrava a cem metros do local da ocorrência, dentro dum pátio e que não se apegava a si.

Mais nos declarou saber que as testemunhas oculares, que todas foram acareadas com o aludido preso, também o não reconheceram.

Eis como a polícia descobre «habilidosamente» os criminosos, que atira para os infernos prisionais.

Quem foi Stambolovski e como Tsankof subiu ao poder na trágica Bulgária

Anteriormente às guerras balcánicas de 1912 e 1913, a Bulgária era, sem discussão alguma, o país mais «avançado» dos Balcãs, aquele a quem parecia estar reservado um dos melhores futuros.

Mas a ambição desmedida do seu rei, o czar Fernando, apoiado no meio militar, levou o povo búlgaro de desastre em desastre.

Todos se lembram como, depois da derrota dos turcos, obtida em comum pelos búlgaros, gregos e sérvios, o rei Fernando se lançou sobre os seus aliados da véspera com o fim de guardar só para si os frutos da vitória. Todos se lembram também como isso lhe valeu uma esmagadora derrota, após a intervenção da Romênia.

Um ano depois o mesmo rei Fernando, apoiado pela classe militar e pelos políticos servís de diversos partidos burgueses, reiniciou. Após inúmeras intrigas, durante as quais se fariou de trocar dos diplomatas da Entente que durante bastante tempo julgaram levá-lo para o seu lado, prometendo-lhe o vale de Vardar, entrou na guerra mundial ao lado dos impérios centrais.

O camponês e o operário búlgaro bateram-se portanto durante seis anos ao serviço da ambição dinástica do seu rei e do imperialismo austro-germano.

Só quando chegou o ano de 1918, o rei sangrento começou a cansar-se: «Abriu o front» como se diz na Bulgária e a sua revolta contribuiu enormemente para apressar a derrocada austro-alemã.

Rodeado pelo ódio e pelo desprezo do povo, o czar apressou-se em fugir depois de ter abdicado a favor do seu filho Boris. Os velhos partidos que o tinham defendido desapareceram com ele e Stambolovski tomou conta do poder.

Quem era este homem? Um aldeão, um João-Ninguém—afirmam os «intelectuais» que hoje governam a Bulgária a ferro e fogo.

Era membro do partido camponês fundado no ano de 1899. Tinha-se oposto à guerra, era um anti-militarista e por isso foi posto a ferro durante as hostilidades.

O governo agrário

Este homem soube utilizar a cólera das massas contra os velhos partidos responsáveis da ruína do país e da miséria pública, soube aproveitar-se da revolta dos camponeses, soube captar as aspirações revolucionárias dos camponeses que formam a grande maioria da população búlgara.

A política exterior que ele adoptou foi a imposta pela derrota. Teve que assinar o tratado de Neuilly o qual concedia à Iugoslávia, à Grécia e à Romênia vastos territórios na sua maior parte habitados por búlgaros.

Esforçou-se em seguida por estabelecer relações pacíficas com a Iugoslávia, promovida pela vitória dos aliados à categoria de grande potência.

A casta militar responsável pelo desastre, acusou-o de traição «o interesse nacional».

Os chefes dos antigos partidos caídos do poder odiavam Stambolovski.

Alguns deles foram apunhalados um belo dia à saída duma reunião política pelos camponeses que, mais por troca do que por outra coisa, lhes cortaram a barba e os bigodes, que por sinal são bastante compridos na Bulgária.

A injúria fora formidável. Stambolovski adermia era um ditador. Pela sua frente apareceram dois partidos socialistas, pois os búlgaros como os russos tinham feito a cisão desde o ano de 1903.

Dum lado os «largos» (reformistas), do outro os «estreitos» (revolucionários).

Mas em vez de unirem a força operária à força camponesa, Stambolovski combateu os socialistas e os comunistas. Foram sobretudo estes últimos que ele mais perseguia.

Ao mesmo tempo inquietou a burguesia com medidas favoráveis aos camponeses. Procurou desenvolver sob a forma cooperativa, o crédito agrícola.

Os bancos e sobretudo os bancos estrangeiros que colonizam os Balcãs, sob a hegemonia do capitalismo italiano, ergueram-se contra ele.

Foi a sua perdição. Deposto... procura sublevar os camponeses. Vencido é preso e depois de horribes torturas cortam-no aos pedaços. Ninguém sabe onde Stambolovski está enterrado.

Foi pouco depois que Tsankof começou a sua tarefa trágica de extermínio.

Desde esse dia o povo búlgaro ficou sujeito à maior tirania e opressão que o Universo jamais conheceu.

A guerra de Marrocos

Um contra-ataque marroquino

PARIS, 29.—As notícias de Marrocos anunciam um contra-ataque dos rifenhos contra o massiço da Bibane.

Os franceses dizem estar operando com êxito

FEZ, 29.—Um comunicado do quartel general francês diz que foram iniciadas com êxito e segundo o estabelecido no acordo franco-espanhol, várias ações ofensivas, tendo sido já conquistadas duas aldeias na região de Borganon.

Em toda a França o povo se manifesta contra a guerra

PARIS, 29.—Continuam os distúrbios nas províncias, provocados pela campanha anti-militarista dos comunistas.

Em Perpignan voltaram a dar-se conflitos de certa gravidade, tendo sido dissolvida com violência pela polícia uma manifestação dirigida pelos deputados Doriot e Marty.

Ao terminar, por agora a nossa campanha, recomendamos ao povo de Samora Correia que se associe

Terminamos hoje a nossa campanha. Com este são trinta artigos cuja publicidade devemos à generosidade de A Batalha que gostosamente lhes deu guarida, no que prestou um alto serviço a Samora Correia e a todas as terras que vivem oprimidas sob a garra dos grandes potentados.

Como o leitor tem visto, temos seguido o nosso rumo sem preocupações literárias, ao correr da pena, narrando factos e tirando deles as necessárias lições. Não seguimos o caminho do ataque pessoal, que não é dos nossos hábitos; e se às vezes escovamos este ou aquele, foi em virtude da sua situação ou funções e não para vizar a pessoa em si.

Podem os potentados respirar mais fundo um pouco, que este pedaleto diário não os volta a importunar... por enquanto.

E' bom esclarecer que não vamos colocar um ponto final neste assunto, quando muito uma reticência...

Isto tem continuação. Isto não pode terminar. Concedemos uma moratória; não liquidamos a questão por completo. Por isso bom é que não esfreguem as mãos de entusiasmo, porque quando menos o pensarmos, nós cá estaremos de bisturi em punho para lhes extirpar as mazelas e pôr-lhes ao sol as pistolas mais assassinas.

O nosso fim, por agora, atingimo-lo plenamente, como nunca supuzemos.

A sementeira feita por cá a germinar. A terra é mais própria do que, de princípio, julgamos. O que nela está cultivada. Nem admira: sendo pertença da Companhia das Lezírias, está como convém. Inculta, sáfara e cheia de ervas daninhas, mas é de boa qualidade e recebeu muito bem a sementeira que fizemos, não morrerá já mais.

Bem sabemos que, desta sementeira, até ao alourar da messe, que desejamos ver frondente, vai ainda muito tempo; mas, não faltando os cultivadores, a época da maturação há de vir.

Demonstramos que a Companhia de... moagem que aqui assentou arraiais é um cancro que esta infeliz povoação mal pode suportar; e fizemos a prova cabal e completa, apresentando na redacção de A Batalha e no gabinete do governador civil de Santarém um pedaço da matéria escura que a tal Samorensse nos tem feito ingerir como pão.

A autoridade administrativa, a pesar disso, nenhuma providência ordenou, quer por intermédio da guarda republicana, quer ainda por via da Delegação de Saúde. Nada.

O povo é bom e sofredor e não vai, por certo, alterar a ordem por tão pouco. E, como se avizinharem as eleições, é bom não levantar poeira, ainda que ela seja de farinha podre.

Ficamos entendiados.

Demonstramos que a Samorensse odeia a instrução, pois tendo feito encerrar uma escola, nunca se dispôs a reparar o crime cometido, a não ser quando um dia o povo de Samora, em massa, de cabeça erguida, lhe for exigir que construa a escola em substituição da que encerraram.

Demonstramos que a Samorensse, como em geral todos os potentados, não paga aos seus sinistrados, por má-fé, no que é auxiliado pelo médico local, sempre pronto a coadiuvá-la em tudo o que represente sabugismo ou interesse pessoal.

Demonstramos que os processos usados pelas pessoas que estão à testa do colosso estão bem longe de parecerem processos de homens honestos, pois recebeu trigo limpo dando em troca farinha podre, exactamente como o faria qualquer vigarista das ruas de Lisboa.

Demonstramos que tudo aquilo tem tanto e tão violento veneno que, só porque umas ovelhas beberam da água dos geradores da fábrica, morreram trinta e seis!

Demonstramos que o povo de Samora é bom em excesso, pacífico em excesso e sofredor em excesso; porque, se assim não fosse, nunca a moagem teria fornecido pão

Últimas notícias

Somos informados de que hoje cerca da 1 hora da madrugada, grupos de civis começaram a concentrar-se em Sapadores Mineiros.

Nos cafés da Baixa era grande a efervescência, preparando-se os elementos avançados para responder à revolução dos abrilistas, que pretendem impor a ditadura militar.

A revolução conservadora, informam-nos também, deve rebentar esta madrugada.

Entretanto, à hora a que escrevemos, duas da madrugada o sossego é completo nas ruas.

A's 3 horas da madrugada somos informados de que é falsa a notícia da concentração de elementos civis conservadores no quartel de Sapadores Mineiros onde reina a tranquilidade.

O governo está tomando medidas para sufocar a revolta cuja eclosão está marcada para as 4 horas da madrugada.

As ligações telefónicas para a província conservam-se intactas.

A esquadra que se encontra em Vila Franca de Xira encontra-se já prevenida.

Durante a madrugada circulou o seguinte manifesto:

As armas!

Os criminosos traidores do 18 de Abril preparam-se para repetir o seu crime!

O governo da República brada: Alerta!

Nós gritamos: A's armas!—O Comité de Defesa da República.

A's 4 horas informam-nos de que os conservadores resolveram adiar o movimento e de que o governo tem elementos que o habilitam a considerar com fins exclusivamente monárquicos o mesmo movimento.

A audácia dos conservadores está provocando nos arraiais republicanos uma reacção que possa conduzir a uma aproximação das várias nuances, devendo realizar-se depois de amanhã um grande comício promovido por republicanos de todas as facções e em que se exporá ao povo os perigos do momento que passa.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bóia de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Reúniram-se ontem os Secretários Gerais deste organismo, Sindicato Único, Federação da construção civil e um delegado da secção de Belém para tratarem da reabertura das obras das Casas Económicas de Ajuda.

Pelo Secretário da Bóia de Trabalho foram expostos os fins da reunião e o resultado da entrevista com o chefe do ministério do comércio.

Resolveu-se procurar o engenheiro Craveiro Lopes e um representante da Junta autónoma da Obra para lhe comunicar o que se passou com o ministro do Comércio e as resoluções que ele tomou sobre o assunto.

Desta entrevista deve resultar uma sessão magna na secção de Belém de todo o operariado que trabalhava nessa obra, para lhe serem dadas contas das «demarches» e tomar resoluções.

Os delegados procuraram ontem o director dos Edifícios Públicos para saberem o que havia a respeito da entrada de 22 operários licenciados, cujos nomes faziam parte duma lista entregue ao administrador dos Edifícios Públicos.

Esse senhor disse que já tinha recebido das secções respectivas informações e que as ia participar ao administrador e que, portanto, os delegados procurassem esse senhor para lhe dar a sua decisão tendo em conta os delegados voltar a procurá-lo hoje.

Nas fábricas da Companhia Nacional de Alimentação

Os operários da fábrica «24 de Julho» da Companhia Nacional de Alimentação, encontram-se na maior miséria depois que só têm o magro salário de três dias, pois trabalham apenas 24 horas por semana.

Enquanto isto se passa há operários nessa fábrica e na do Beato, que fazem quatro horas suplementares por dia sem consideração pela fome dos seus camaradas que foram despedidos e dos que têm trabalho reduzido, e sem respeito pela regalia do horário, que tantas e esforçadas lutas tem custado aos operários do mundo inteiro.

Entretanto um facto curioso se acaba de verificar na fábrica do Beato. Como o mestre desta fábrica se tivesse consorciado no dia 26 do corrente, foram abertas subscrições entre o pessoal, que custaram a cada um a contribuição de 20\$00, a fim de lhe ser oferecido um objecto de arte; isto enquanto os desempregados não tiveram ainda auxílio da parte desse mesmo pessoal.

O sacrifício que para tal fizessem, seria mais nobre.

Corticeiros de Belém

A comissão administrativa da Secção Sindical dos Corticeiros de Belém convida os operários da indústria sem trabalho a inscreverem-se para receberem o dinheiro do fiscal do mês de Setembro, conforme resolução da assembleia geral.

Manufactores de calçado de Lisboa

Tendo chegado ao conhecimento do sindicato dos Manufactores de Calçado o facto de em diversas oficinas se estarem praticando irregularidades na distribuição do trabalho, e também que se têm feito diversas tentativas de reduções nos salários, a comissão administrativa ponderando a gravidade destes assuntos, resolveu convocar a assembleia geral da classe para amanhã, pelas 11 horas, para se apreciarem estes assuntos e sobre eles se tomarem resoluções.

Últimas notícias

Somos informados de que hoje cerca da 1 hora da madrugada, grupos de civis começaram a concentrar-se em Sapadores Mineiros.

Nos cafés da Baixa era grande a efervescência, preparando-se os elementos avançados para responder à revolução dos abrilistas, que pretendem impor a ditadura militar.

A revolução conservadora, informam-nos também, deve rebentar esta madrugada.

Entretanto, à hora a que escrevemos, duas da madrugada o sossego é completo nas ruas.

A's 3 horas da madrugada somos informados de que é falsa a notícia da concentração de elementos civis conservadores no quartel de Sapadores Mineiros onde reina a tranquilidade.

O governo está tomando medidas para sufocar a revolta cuja eclosão está marcada para as 4 horas da madrugada.

As ligações telefónicas para a província conservam-se intactas.

A esquadra que se encontra em Vila Franca de Xira encontra-se já prevenida.

Durante a madrugada circulou o seguinte manifesto:

As armas!

Os criminosos traidores do 18 de Abril preparam-se para repetir o seu crime!

O governo da República brada: Alerta!

Nós gritamos: A's armas!—O Comité de Defesa da República.

A's 4 horas informam-nos de que os conservadores resolveram adiar o movimento e de que o governo tem elementos que o habilitam a considerar com fins exclusivamente monárquicos o mesmo movimento.

A audácia dos conservadores está provocando nos arraiais republicanos uma reacção que possa conduzir a uma aproximação das várias nuances, devendo realizar-se depois de amanhã um grande comício promovido por republicanos de todas as facções e em que se exporá ao povo os perigos do momento que passa.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bóia de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Reúniram-se ontem os Secretários Gerais deste organismo, Sindicato Único, Federação da construção civil e um delegado da secção de Belém para tratarem da reabertura das obras das Casas Económicas de Ajuda.

Pelo Secretário da Bóia de Trabalho foram expostos os fins da reunião e o resultado da entrevista com o chefe do ministério do comércio.

Resolveu-se procurar o engenheiro Craveiro Lopes e um representante da Junta autónoma da Obra para lhe comunicar o que se passou com o ministro do Comércio e as resoluções que ele tomou sobre o assunto.

Desta entrevista deve resultar uma sessão magna na secção de Belém de todo o operariado que trabalhava nessa obra, para lhe serem dadas contas das «demarches» e tomar resoluções.

Os delegados procuraram ontem o director dos Edifícios Públicos para saberem o que havia a respeito da entrada de 22 operários licenciados, cujos nomes faziam parte duma lista entregue ao administrador dos Edifícios Públicos.

Esse senhor disse que já tinha recebido das secções respectivas informações e que as ia participar ao administrador e que, portanto, os delegados procurassem esse senhor para lhe dar a sua decisão tendo em conta os delegados voltar a procurá-lo hoje.

Nas fábricas da Companhia Nacional de Alimentação

Os operários da fábrica «24 de Julho» da Companhia Nacional de Alimentação, encontram-se na maior miséria depois que só têm o magro salário de três dias, pois trabalham apenas 24 horas por semana.

Enquanto isto se passa há operários nessa fábrica e na do Beato, que fazem quatro horas suplementares por dia sem consideração pela fome dos seus camaradas que foram despedidos e dos que têm trabalho reduzido, e sem respeito pela regalia do horário, que tantas e esforçadas lutas tem custado aos operários do mundo inteiro.

Entretanto um facto curioso se acaba de verificar na fábrica do Beato. Como o mestre desta fábrica se tivesse consorciado no dia 26 do corrente, foram abertas subscrições entre o pessoal, que custaram a cada um a contribuição de 20\$00, a fim de lhe ser oferecido um objecto de arte; isto enquanto os desempregados não tiveram ainda auxílio da parte desse mesmo pessoal.

O sacrifício que para tal fizessem, seria mais nobre.

Corticeiros de Belém

A comissão administrativa da Secção Sindical dos Corticeiros de Belém convida os operários da indústria sem trabalho a inscreverem-se para receberem o dinheiro do fiscal do mês de Setembro, conforme resolução da assembleia geral.

Manufactores de calçado de Lisboa

Tendo chegado ao conhecimento do sindicato dos Manufactores de Calçado o facto de em diversas oficinas se estarem praticando irregularidades na distribuição do trabalho, e também que se têm feito diversas tentativas de reduções nos salários, a comissão administrativa ponderando a gravidade destes assuntos, resolveu convocar a assembleia geral da classe para amanhã, pelas 11 horas, para se apreciarem estes assuntos e sobre eles se tomarem resoluções.

Últimas notícias

Somos informados de que hoje cerca da 1 hora da madrugada, grupos de civis começaram a concentrar-se em Sapadores Mineiros.

Nos cafés da Baixa era grande a efervescência, preparando-se os elementos avançados para responder à revolução dos abrilistas, que pretendem impor a ditadura militar.

A revolução conservadora, informam-nos também, deve rebentar esta madrugada.

Entretanto, à hora a que escrevemos, duas da madrugada o sossego é completo nas ruas.

A's 3 horas da madrugada somos informados de que é falsa a notícia da concentração de elementos civis conservadores no quartel de Sapadores Mineiros onde reina a tranquilidade.

O governo está tomando medidas para sufocar a revolta cuja eclosão está marcada para as 4 horas da madrugada.

As ligações telefónicas para a província conservam-se intactas.

A esquadra que se encontra em Vila Franca de Xira encontra-se já prevenida.

Durante a madrugada circulou o seguinte manifesto:

As armas!

Os criminosos traidores do 18 de Abril preparam-se para repetir o seu crime!

O governo da República brada: Alerta!

Nós gritamos: A's armas!—O Comité de Defesa da República.

A's 4 horas informam-nos de que os conservadores resolveram adiar o movimento e de que o governo tem elementos que o habilitam a considerar com fins exclusivamente monárquicos o mesmo movimento.

A audácia dos conservadores está provocando nos arraiais republicanos uma reacção que possa conduzir a uma aproximação das várias nuances, devendo realizar-se depois de amanhã um grande comício promovido por republicanos de todas as facções e em que se exporá ao povo os perigos do momento que passa.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bóia de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Reúniram-se ontem os Secretários Gerais deste organismo, Sindicato Único, Federação da construção civil e um delegado da secção de Belém para tratarem da reabertura das obras das Casas Económicas de Ajuda.

Pelo Secretário da Bóia de Trabalho foram expostos os fins da reunião e o resultado da entrevista com o chefe do ministério do comércio.

Resolveu-se procurar o engenheiro Craveiro Lopes e um representante da Junta autónoma da Obra para lhe comunicar o que se passou com o ministro do Comércio e as resoluções que ele tomou sobre o assunto.

Desta entrevista deve resultar uma sessão magna na secção de Belém de todo o operariado que trabalhava nessa obra, para lhe serem dadas contas das «demarches» e tomar resoluções.

Os delegados procuraram ontem o director dos Edifícios Públicos para saberem o que havia a respeito da entrada de 22 operários licenciados, cujos nomes faziam parte duma lista entregue ao administrador dos Edifícios Públicos.

Esse senhor disse que já tinha recebido das secções respectivas informações e que as ia participar ao administrador e que, portanto, os delegados procurassem esse senhor para lhe dar a sua decisão tendo em conta os delegados voltar a procurá-lo hoje.

Nas fábricas da Companhia Nacional de Alimentação

Os operários da fábrica «24 de Julho» da Companhia Nacional de Alimentação, encontram-se na maior miséria depois que só têm o magro salário de três dias, pois trabalham apenas 24 horas por semana.

Enquanto isto se passa há operários nessa fábrica e na do Beato, que fazem quatro horas suplementares por dia sem consideração pela fome dos seus camaradas que foram despedidos e dos que têm trabalho reduzido, e sem respeito pela regalia do horário, que tantas e esforçadas lutas tem custado aos operários do mundo inteiro.

11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 842. 843. 844. 845. 846. 847


Valério, Lopes & Ferreira, L.^{da}
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para cadeiras,
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antímónio, balanças, pêsos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

24, R. DO IMPERIO, 86—LISBOA — TELE fone. 3930, N.
gramas, FERRAGENS



 **FATOS COMPLETOS
E SOBRETUDOS**
em boas fazendas de lã com bons forros desde **159\$00**
IMPREMISSÍVEIS INGLESES com rinto e rapuz, desde **169\$00**
CAPAS ALENTEJANAS desde **199\$00**
CALÇAS desde **40\$00**

ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, Rua da Boavista, 172

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Avião ao Público

podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa 18 de Setembro de 1925.

Pelo Engenheiro Chefe do Serviço de Estudos e Construção—(a) Trigo.

Feira em Souzel

Por motivo desta feira nos dias 28, 29 e 30 de Setembro, efectuar-se hão nos dias abaixo indicados, os combóios ordinários e especiais constantes do presente aviso:

Dia 28. Ida: Estremoz, Part. 6,50, 15,50.
Silveira: 7,01. 16,01. Souzel, Cheg. 7,26 e

Previdência do Ferrovário do sul
Sueste
ÉDITOS DE 30 DIAS

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste con

16,26, Volta, Souzel, part. 6,00, 14,54, 0,00. Silveirana, Part. 6,26, 15,20 e 0,26. Estremoz, Cheg. 6,36, 15,30 e 0,36.

Dia 29. Ida: Estremoz, Part. 3,15, 10,00 e 5,50. Silveirana, 3,26, 10,11, 16,01. Souzel, Cheg. 3,51, 10,36 e 16,26. Volta, Souzel, Part. 6,00, 14,54. Silveirana, 6,26, 15,20. Estremoz, Cheg. 6,36, 15,30.

Lisboa, 23 de Setembro de 1925.—O Engenheiro Director, *Plínio Silva*.

Serviço de Estudos e Construção

Concurso para a adjudicação da empreitada n.º 5 de terraplanagem, entre os perfis 1045 e 1072 do 2.º Lanço do Ramal de Sines.

ANÚNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que

No dia 17 de Outubro de 1925 pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da empreitada n.º 5 de terraplanagens, da Variante, entre os perfis 980 e 1146.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que effectueu em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 6.875\$00.

As propostas, devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1950 devidamente inutilizado.

A base de licitação é de 275.000\$00.

O concorrente vencedor terá de reformar o seu depósito provisório com a quantia necessária para prezar 5 (05) da importância total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará à ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral de Depósitos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Estudos e Contabilidade da rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, onde

do Carlos VII com-
da mais surpreen-
diria ao rei; outros
o do caso a pen-
suas palavras senão
simularam com tra-
dos campos que
ao rei expulsar os
tantos célebres che-

A estas palavras, cheias de secura, de desconfiança e de ultrajante impudícia, acolhidas por sorrisos lúbricos por quasi todos os assistentes, e pronunciadas por êsse "gentil delfim da França", de que as desgraças haviam tão longo tempo amargurado o seu coração, Joana ficou primeiro succumbida; depois a sua castidade, e a sua dignidade se revoltaram só com o pensamento do exame vergonhoso, humilhante, e infame que deveria sofrer publicamente a sua pessoa por ordem de Carlos VII.

Abismada numa profunda dôr, um momento, segundo a previsão de La Trémouille, promotor de sua indigna prova, Joana teve o pensamento de renunciar à sua missão, e de abandonar o rei à sua sorte; mas, bem depressa reflectiu que não se tratava somente de este príncipe indolente, ingrato e debochado, mas também do livramento da Gália, roubada, assolada, ensanguentada há tantos anos!..

Por isso, recordando a energia na lembrança das promessas da voz misteriosa que a guiava, recordando-se das profecias de Merlin, confiada no gênio militar que sentia desenvolver-se nela, inspirando na consciência da sua pureza, no ardor do seu patriotismo, teve a coragem de se resignar à ingominia que estava ameaçada, e querendo entretanto fazer uma tentativa para se subtrair à tal humilhação, levantou para Carlos VII os olhos arrazados de lagrimas.

—Ai de mim, senhor, porque não me acreditar, fazer-me sofrer provas? eu vo-lo juro, vim ter convosco para provar-vos a minha inocência.

co da parte do céu!

—Isso são belas palavras, minha filha, porém para as acreditarmos, é preciso primeiro e antes de tudo

repito-to, provar que tu és donzela, e que Deus e n
o Diabo te manda para nós!... Se te recusar
a essa prova, nodes voltar já para as tuas ovelhas!

—Que seja então como o quereis, senhor! respondeu Joana com o coração quebrado; meu Deus! não terei muito a sofrer em Poitiers, muito mais...

que terá muito a sofrer em Pombal, mais ainda



Os Sindicatos Marítimos aderentes à C. G. T. realizam uma conferência em Santarém

(Do nosso enviado especial)

SANTARÉM, 27.—Pouco depois do Congresso Confederal ter encerrado os seus trabalhos, isto é, às 17 horas, a Conferência Nacional dos Trabalhadores Marítimos inaugurou os seus trabalhos, na sala do Grémio Recreativo Operário. Estavam representados 19 organismos do norte e sul do país.

A sessão preparatória, presidiu Joaquim do Carmo, da comissão de relações de sindicatos marítimos e fluviais discordantes da atitude da F. Marítima.

O presidente depois de declarar aberta a conferência pronunciou um incisivo discurso de ataque à obra divisionista dos elementos políticos que atrevidamente pululam pela F. Marítima. Referindo-se ao objectivo da conferência, diz que os marítimos ali reunidos vão estudar qual será a sua posição em face da irreducibilidade da F. M.

Não quer historiar as causas do conflito porque elas são bem conhecidas pelos elementos que tomam acento neste congresso. E essas causas são tão lamentáveis quanto é certo elas virem provocar um desagregamento das forças marítimas, que só à burguesia aproveita.

Somos acusados — diz J. do Carmo — de scissionistas pelos pontífices da F. Marítima. Scissionistas são todos aqueles que se desviam da organização central para darem curso aos seus objectivos políticos. Como nós ainda nos encontramos na C. G. T., com boa verdade só devem considerar-se scissionistas os dirigentes e aulicos da F. Marítima. Em seguida J. do Carmo informa a conferência de que estão com a atitude da C. G. T. 28 sindicatos marítimos. Com voto deliberativo estão na conferência 19 organismos, que representam a maioria, incluindo nesse número a parte intelectual das classes marítimas. Espera que da conferência saiam trabalhos práticos e de realização imediata.

A conferência resolve em seguida que se comece imediatamente a sessão inaugural à qual preside José dos Santos, secretário José Santos Cadete e António Braz.

Ao assumir a presidência, José dos Santos esclarece que a atitude dos sindicatos participantes da conferência não pode ser tomada à conta de rebelião, uma vez que a F. Marítima criou esta situação. Quando esteve naquele organismo procurou sempre dar realização ao disposto no Congresso de Aveiro. Nunca o conseguiu, porque não viu ali que se processasse de forma a tal se conseguir.

Por esse motivo os sindicatos marítimos estão no pleníssimo direito de tomarem decisões que se lhes afigurem mais defensáveis da integridade do sindicalismo revolucionário. Termina esperando que os congressistas saibam dar um exemplo de disciplina e de classe consciente.

Joaquim do Carmo comunica a conferência que a comissão organizadora convidou oficialmente a tomar parte nesta sessão os delegados que vieram ao Congresso Confederal representar a U. S. O. do Porto, C. S. T. de Lisboa, C. G. T. C. N. F. e A. I. T. que vão seguir-se no uso da palavra.

Antes de se iniciarem os discursos foi lido o expediente que constava de ofícios da F. Metalúrgica saudando a conferência; carta de Francisco Domingos saudando a conferência e afirmando ser falso que a classe dos Descarregadores de Mar e Terra esteja com a F. M.; idem de C. V. dos Santos saudando a conferência; e saudação assinada por Raúl da Silva, António Marcelino e Francisco Domingos.

A obra nefasta dos «formigas vermelhas»

Segue-se Felisberto Baptista, que num pequeno discurso considera igual a obra dos «formigas vermelhas» dos socialistas doutros. Estes queriam o poder para viverem amanhã das migalhas do operariado; os «formigas vermelhas» de agora, ou sejam comunistas e moscovitistas, pretendem igual coisa. Como não temos permitido a infiltração dos políticos-burgueses nas organizações operárias, não devem igualmente consentir que os políticos pseudo-operários se infiltrem na organização.

Rozendo José Viana borda interessantes considerações sobre os manejos dos comunistas que afinam pelo mesmo diapasão que os socialistas autoritários. O processo que se adoptou para os expelir da organização deve ser o mesmo que agora se deve adoptar para inutilizar os seus manejos.

Silva Campos explica qual foi a acção da C. G. T. em face do facto consumado pela F. M. A pesar disso foi acusada a C. G. T. de ter fomentado a desagregação da família marítima, quando ela apenas defendeu os seus princípios e, como não podia deixar de ser, aconselhou a que os adoptassem nas suas relações todos os organismos que estavam na iminência dum precipício.

Como as coisas seguiram um curso muito diverso do previsto em face da atitude cada vez mais irreductível da F. Marítima, os organismos só tiveram este recurso — a conferência. Não são os presentes os causadores do desmembramento da organização marítima. Não fossem eles impedidos que tal não realizaríamos.

Ao terminar, S. Campos afirma que os objectivos da C. G. T. sobrepõem, em matéria revolucionária, a todos os outros que grupos ou partidos políticos defendem.

Segue-se Gonzalez, afirma que os marítimos estão em frente duma manobra política dos comunistas. Em Espanha passa outro tanto. Os comunistas são o mesmo que os seus correligionários portugueses. A tática é a mesma e de seguros efeitos jesuíticos — «dividir para vencer». É o que se está realizando com os marítimos portugueses. Procura-se dividir esta numerosa classe para os políticos marxistas vencerem.

Produz em seguida uma série de considerações sobre a obra dos socialistas e comunistas em França e Espanha que se assemelham à dos seus correligionários de Portugal.

Termina aconselhando os conferencistas a desprezarem as táticas de Moscúvia e a integrarem-se nos objectivos da A. I. T., única que defende as aspirações do proletariado.

Fala Armando Borghi, pela A. I. T. Falou depois Armando Borghi dizendo que já conhecia a situação dos marítimos, mas que não alcançava as suas causas. Condena a ofensiva comunista e considera bem

proporcionada a ofensiva dos marítimos. Os comunistas seguem uma linha de conduta incoerente e ilógica, falam sempre demasiado e destroem-na por toda a parte.

Borghi fala depois largamente da obra reformista da velha C. G. T. francesa e das consequências perigosas que advieram para o operariado dessa obra nefasta. Ao terminar aconselha os marítimos a prosseguirem nos seus trabalhos com segurança e inteligência até conseguirem o triunfo da sua causa, que é a causa da A. I. T.

Segue-se José Cadete. Diz que desejava encontrar na Conferência aqueles que duvidam de que a maioria dos sindicatos marítimos esteja com a C. G. T., para lhes provar, com a representação na Conferência, de que não há motivo para alimentarem essa dúvida. E não só com a C. G. T. estão estes organismos; há mais nove que dificuldades financeiras não deixaram vir a Santarém.

Aos que afirmam que se deve ir para dentro da F. M. modificar a sua estrutura responderá que isso não é possível. Primeiro, porque as delegações indirectas são preenchidas por delegados da mesma classe. Isto é um sindicato de frageiros da província tem que ser representado por um frageiro. Sucedendo que são precisamente, dum modo geral, esses elementos que estão com a F. M., como podem entrar ali os discordantes? E mesmo que isso se conseguisse, os actuais dirigentes haviam de obstruir a nossa entrada. O que havia a fazer? Apenas o que se está realizando — a Conferência.

Depois passa-se a discutir o relatório da Comissão Organizadora, na especialidade. Início Teixeira Bastos manda para a mesa a seguinte declaração:

«Declaro que em virtude do sindicato que eu aqui represento, não ter apreciado a moção que vai ser presente à Conferência Marítima, não posso voltar definitivamente qualquer assunto que com a mesma contenção, como seja a criação da União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.»

José Francisco, A. dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, diz que o seu sindicato só votará a constituição dum organismo federativo se a F. M. não arrear caminho. Mesmo assim esse organismo terá um carácter transitório, e desaparecerá logo que desapareçam as causas. Apresenta depois uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Enviar a todos os sindicatos marítimos e fluviais, aderentes ou não à Federação Marítima, um «referendum» no qual se explique claramente as razões que nos levaram a actuar desta forma e a tomar esta atitude, aos quais será também enviado um delegado, exigindo como condição principal para a nossa entrada na Federação Marítima, a demissão dos indivíduos que actualmente tão mal a orientam, e o reatamento de relações com a C. G. T.

2.º — Manifestar pura e simplesmente o nosso «desejo, franco, leal e sincero de que a unidade operária, tanto na indústria marítima como no organismo central não continue a sofrer como até aqui, mas declarando que para se atingir esse objectivo, é necessário não só propagar a par a par a confiança dos trabalhadores, mas praticar a defesa dos seus interesses, com sinceridade, e contribuir com tudo o que esteja ao nosso alcance para que se volte, não à anterior situação, mas sim aquela que mais se coaduna com os interesses dos trabalhadores;

3.º — Que, se se chegar a um acordo possível entre todos os sindicatos marítimos e fluviais se dissolva imediatamente o organismo federativo que foi criado nesta conferência para que todas estas classes unidas dentro da Federação, com princípios claros e definidos, marquem o lugar que lhes compete nos quadros da organização social sindicalista;

4.º — Que os delegados assistentes a esta conferência continuem em toda a parte, e por todos os meios ao seu alcance, influindo para que sejam postos em prática o mais breve possível todos os assuntos aqui aprovados;

5.º — Saudar a C. G. T. por ter conseguido sair triunfante da crise e confusãoismo de ideias que se tem atravessado, sem que se tenha desviado da orientação que lhe foi demarcada nos congressos em que mais fortemente se manifesta a opinião das massas produtoras.»

Admitida, João Gonçalves, Sindicato dos Estivadores, de Portimão, diz que o seu sindicato só em casos excepcionais aceitará uma nova federação. Está de acordo com a moção de J. Francisco por ela sintetizar os desejos do seu sindicato.

A Federação Marítima enfundada a um partido

Silvino Noronha assevera que os marítimos estão em conflito com um partido político e não com a classe operária. É um partido que pretende ascender ao poder com o sacrifício dos próprios marítimos.

Referindo-se depois aos telegramas dos organismos marítimos enviados ao congresso confederal. Como as entidades signatárias desses documentos não aceitaram o convite que os marítimos lhes dirigiram hoje em A Batalha, não lhes restará autoridade para prosseguirem nas suas relações. Continuando diz que a F. Marítima está enfundada a um partido político e que, no congresso de Aveiro, em obediência a esse enfundamento, se compravam votos para a adesão a Moscúvia.

«Há mais coisas graves ainda!» afirma com veemência Silvino Noronha. Há elementos da F. Marítima que estão ao serviço da polícia!

Esta afirmação produziu na assembleia um efeito retumbante. Silvino Noronha voltando-se para a mesa da imprensa diz:

«A imprensa pode registar as minhas palavras porque eu tomo a responsabilidade delas e provo-as onde for preciso.

Alude depois à qualidade dos organismos que podem compor a F. M. provando assim que com a actual estrutura, é relativamente fácil aos actuais dirigentes manterem ali o seu predomínio. Juntando a isto a influência que os homens da calçada da Graça ali dispõem, que vai ao ponto de tudo se resolver depois de referendado por esses elementos, havemos de convir que a situação pode eternizar-se sem possível modificação.

Proseguindo Noronha diz: Sei que amanhã reúne o conselho federal da F. M. Sei

também que entre outras resoluções tomará esta: expulsar todos os organismos que tomam parte nesta conferência.

Pouco importa essa decisão. Quanto ao meu sindicato ela em nada o magoa. Em qualquer das hipóteses ele não ficará na F. M., porque não pode ali ficar dignamente.

Respondendo aos que supõem possível uma entente com a F. M., assegura que nada se conseguirá mesmo que em maioria ali ingressassem, porque, além do que já foi apontado, existem coteries, compostas por indivíduos inconscientes que embriagados não se recusarão a matar o próprio pai. Só uma modificação radical e um saneamento profundo conseguirá o desideratum.

Quanto à scisão, diz, já J. do Carmo a definiu. Nós apenas nos defendemos dos ataques da federação e procuramos manter íntegra a pureza do sindicalismo. Entende mais que a moção de J. Francisco nada resolverá, pois a solução só se encontrará na aceitação dos pontos de vista desta conferência.

João Luís da Silva Maura envia para a mesa a proposta seguinte que é admitida: «Proporho para que se desta conferência tire de sair algum organismo federativo ele seja só constituído por sindicatos e que os seus componentes sejam possuídores do respectivo documento marítimo».

Joaquim do Carmo diz que só a má fé dos dirigentes os levou a dirigirem ao Comité Confederal telegramas desmentidos, recusando-se agora cobardemente a assistir a esta conferência para desmentirem os oradores.

Apresenta depois esta moção de ordem: «As classes marítimas reunidas em conferência na cidade de Santarém, constatando que houve indivíduos que enviaram para o Congresso Confederal telegramas protestando contra as mesmas classes e empurrando os seus representantes a provar no prazo de 3 dias as acusações pelos mesmos feitos; considerando que em resposta, os marítimos presentes no Congresso Confederal enviaram para a Batalha uma sintética declaração em que convidavam os mesmos indivíduos a comparecer nesta conferência onde provariam as mesmas acusações e até as cometariam; considerando que esses indivíduos e ainda os que no Congresso Confederal se pronunciaram no sentido de serem esclarecidos, não compareceram o que prova a má fé e as intenções providamente reservadas dos mesmos; considerando que não podem as classes marítimas continuar a gastar o seu tempo na apreensão dos criminosos actos dos indivíduos que dirigem a Federação Marítima; visto que este lhe é preciso para assuntos de provado interesse para os trabalhadores que representam; resolvem: repulgar indignadamente os seus actos e processos, considerá-los verdadeiras as considerações produzidas no Congresso Confederal, conforme o extracto da A Batalha, proclamar o assunto inteiramente resolvido seguir na ordem dos trabalhos».

Foi admitida. Alguns delegados «manifestam-se contrários à moção por ela coartar a discussão.

Depois Joaquim do Carmo requer que seja apreciado o relatório da comissão de relações dos sindicatos marítimos e fluviais do sul — discordantes da atitude da F. M., ficando apenas as suas quatro perguntas para serem apreciadas juntamente com a moção do camarada José Francisco e outros documentos que se encontram nas mesmas condições.

Foi aprovado, discutindo-se a seguir o preâmbulo do relatório.

Joaquim do Carmo entende que a discussão deve incidir sobre o preâmbulo, discutindo-se seguidamente as quatro perguntas do relatório e os documentos enviados à mesa.

O delegado do S. dos Fogueiros de Mar e Terra, devido ao adiamento da hora, requereu que a sessão fosse suspensa, para reabrir amanhã, às 9 horas. Foi aprovada encerrando-se em seguida a sessão, eram 20 horas.

2.ª sessão

Os actuais dirigentes da federação acusados de esbanjamentos e de uma orientação perniciosos

SANTARÉM, 28.—Na mesma sala do Grémio Operário e com a presença de todas as delegações que responderam à chamada da abertura, abriu às 9 horas a 2.ª sessão da Conferência Marítima, dos discordantes da orientação dos dirigentes da Federação Marítima.

A mesa é assim constituída: João Luís da Silva Moura, delegado da Associação dos Maquinistas Fluviais, presidente, e Carlos Coelho dos Descarregadores de Mar e Terra de Leixões e Campos Costa dos Radiotelegrafistas de Lisboa, secretários.

O presidente comunica que continua em discussão o Relatório da Comissão Organizadora da Conferência.

José Francisco, do Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa, diz que as afirmações contidas no preâmbulo do relatório são a expressão fiel dos factos ocorridos na F. M. Poderá alguém dizer que são apenas provas morais; porém, as provas documentadas existem na própria escrita da F. M.

Sem mais discussão, o preâmbulo é aprovado.

Agora discute-se as conclusões na especialidade.

Sobre a 1.ª conclusão, José dos Santos Cadete, do Pessoal de Câmaras de Lisboa, considera impossível a reentrada dos organismos discordantes no seio da F. M., o que conivir por certo, aos seus dirigentes, não desejam que alguém possa exigir-lhes contas da administração federativa. Tal como está a Federação é de 4 classes que obstrui o caminho.

Joaquim do Carmo concorda com Cadete na impossibilidade de voltar-se à F. M. enquanto persistirem os actuais dirigentes. Vai fazer revelações graves; e para que lhe possa ser associada toda a responsabilidade chama a atenção da imprensa.

«Acusa, diz, os dirigentes da Federação Marítima de esbanjarem os dinheiros que arrancam, por via das cotizações aos trabalhadores marítimos. Expõe vários factos comprovativos de que esse dinheiro tem servido para passeios de gozo. No Congresso Marítimo de Matosinhos foram apresentados dois homens de Lisboa bem va-

los para redigir as actas do Congresso. Esses homens nada fizeram e o dinheiro gastou-se. Por essa mesma ocasião, como fosse necessário transportar o jornal «O Marítimo» de Lisboa para Matosinhos, não se usou, como estaria indicado, duma forma mais económica; pagou-se a um homem para acompanhar os jornais! Estes e outros casos imorais tornam impossível quaisquer entendimentos.

Referindo-se em seguida ao trabalho desses elementos divisionistas no Norte. No Porto convidou-os de uma vez a irem com ele fazer umas sessões às classes marítimas, ao que se recusaram, investindo-o só porque não se prestou a servir-lhe de jogete. A acção dos divisionistas chegou a criar em algumas classes um espírito de negação da solidariedade, espírito que se evidenciou especialmente quando duma greve marítima em Lisboa os dirigentes dos Fluviais do Porto e Gaia responderam que só auxiliariam quando o sangue dos de Lisboa tingisse o rio Douro. Com um apelo dos Taneiros o mesmo sucedeu.

É da inconsciência dessas classes que se alimentam os homens da F. M.

Referindo em seguida o facto de a Associação dos Estivadores de Leixões, que eram também dos discordantes da atitude da F. M., se ter voltado devido à influência de um tal José do Bacalhau, que é patrão, rico, e tem como seus encarregados os dirigentes daquela classe. Esse José do Bacalhau é por sua vez influenciado por José de Almeida, presidente dos Catraieiros de Lisboa, ao qual está ligado por interesses familiares.

Também a classe dos Cosineiros Marítimos foi viada por um indivíduo do nome Guilherme de Oliveira Dias, que na escala da reles política tudo tem sido. Lê um ofício desta classe, com data recente, em que a mesma saudava os discordantes da atitude da F. M. e lhe oferecia toda a solidariedade. Pois o indivíduo citado conseguiu que essa classe desmentisse o que tinha afirmado, colocando-a ao lado da F. M.

Eis a história — diz. Esta feita a selecção: dum lado os que vivem à custa dos marítimos, do outro os que pretendem emancipá-los.

Os sindicatos representados consideram impossível continuarem federados

António Júlio, dos Descarregadores da Valsa do Carregado, escarpalistas também os actos dos dirigentes da F. M. Diz que, como algumas vezes tivesse a coragem de se insurgir contra os esbanjamentos de dinheiro, lhe dirigiram ameaças. Não julga possível o enfiliarse-se novamente ao lado de tal gente que não tem ideal mas sim e unicamente ambições particulares a satisfazer.

Campos Costa refere-se às ameaças que os homens da F. M. dirigiam constantemente aqueles que não concordavam com a saída dos marítimos da C. G. T.

Francisco Dias, dos Descarregadores da Valsa do Carregado, diz que a sua classe de há muito estava em desacordo com os dirigentes da F. M., os quais bem sabiam não ser ela um esteio para os seus objectivos. Quando da organização da sua classe a Federação mandou-lhe um homem de nome António Henriques, que não é marítimo, a fim de os orientar. Esse indivíduo quase nada fez, mas exigiu uma gratificação; deram-lhe 150 escudos, além de lhe pagarem todas as despesas e lhe oferecerem todas as benesses.

Pois esse elemento teve a desvergonha de dizer que era pouco.

E aquele dinheiro dos trabalhadores — diz — não lhe queimou as mãos.

Depois acrescenta: «Em Aveiro, quando do Congresso, procuraram subornar-me para que votasse pela I. S. V. fui a uma reunião para que me convidaram, supondo que se iria tratar dos interesses dos trabalhadores marítimos. Ali só me apresentaram a questão da adesão à I. S. V. A esse tempo era eu comunista; mas, ao ver tão baixos processos da parte desses elementos políticos, insurtei-me e votei conscientemente contra as suas pretensões, certo que praticava uma boa acção. E assim deixei de simpatizar com os comunistas.

Na F. M., só se queria dinheiro; pois, quando se tratou da adesão dos Descarregadores da Azambuja, só porque essa classe informou que não podia imediatamente pagar a cota de adesão, se lhe respondeu que quem não tinha dinheiro não aderira.

Joaquim do Carmo apresenta a seguinte moção de ordem:

«A Conferência Marítima afirmando que é inteiramente impossível aos sindicatos marítimos e fluviais continuarem aderentes à Federação Marítima e até mesmo ter com os seus dirigentes qualquer espécie de entendimento, tal a sua incorrecção e intenções reservadas, resolve considerar a discussão do primeiro número do relatório da Comissão Organizadora e segue na ordem dos trabalhos».

Posta imediatamente à votação, é aprovada por unanimidade.

Passa a discutir-se o 2.º número.

A conferência prevê a hipótese da formação dum novo organismo federativo

Silvino Noronha apresenta a seguinte moção de ordem:

«A conferência dos Sindicatos Marítimos e Fluviais — discordante da F. M. — reunida em Santarém para apreciar o conflito suscitado com este organismo, reconhece e aceita para solução do conflito a necessidade da Federação Marítima ser composta exclusivamente por trabalhadores marítimos e fluviais, agregados simplesmente por sindicatos profissionais ou de indústria, e não por base do organismo federativo a indústria de transportes marítimos e fluviais, e por base sindical a profissão ou indústria; reconhece que para melhor funcionamento profissional e industrial, os sindicatos de indústria devem funcionar por secções profissionais e os sindicatos de profissão por secções de ramo; reconhece que a Federação deve funcionar por secções distintas — de transportes marítimos, transportes fluviais, (tráfego de portos e rios) e secção de pescarias; reconhece ainda que a orientação da Federação Marítima deve ser modificada de harmonia com o estatuto pela «Organização Social Sindicalista e reatar as suas relações com a Organização Central dos trabalhadores portugueses».

Não sendo aceites estes pontos de vista,

Na Voz do Operário

Gestos escandalosos praticados por um Xamuel

Já ontem relatámos, ainda que muito resumidamente, as últimas cenas ocorridas na sede desta colectividade e em que o protagonista um «cidadão» que, julgando-se ainda nas aldeias onde abusava do respectivo povo pelo indigno lugar que ocupava, veio por bamburrio pontificar na Sociedade como secretário, cargo a que o guiou o pessoal dos Tabacos.

Infelizes eleitores e infeliz colectividade que é administrada por criaturas com mentalidade do Xamuel, 1 Ignorante, bocal e estúpido, alia, ainda entre outras, as qualidades de mau e vaidoso.

A forma como tem desempenhado o seu cargo dá-nos razão nas afirmações acima. Quere impôr moralidade aos outros quando ele a não tem, bastando recordar que esta criatura, abusiva e ilegalmente, levantou dinheiro da Sociedade e que supomos ainda não pague.

A assembleia geral que hoje se reúne, pelas 20,30 horas, ocupar-se há dos casos ali ultimamente ocorridos e em que mais uma vez será posta à prova a incompetência do pessoal dos Tabacos tendo arvorado semelhante criatura em secretário duma colectividade do valor da Voz do Operário. Aguardemos os acontecimentos.

INTERESSES DE CLASSE

Empregados Menores do Comércio e Indústria

Reúnem-se amanhã, em assembleia magna, a fim de protestarem contra o desumano e aviltante emprego de carroças de mão pelas fábricas, oficinas e casas comerciais.

Grupo excursionista OS PATETAS

Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, para apreciação dos estatutos.

Ante a fome dos sem-trabalho os negociantes não têm escrúpulos em exportarem matérias-primas

Em Santa Apolónia foram embarcados em fragatas, para serem expedidos para Hamburgo, 450 fardos de lã e 500 fardos de peles de carneiro curtidas e por curtir. Entretanto continuam os artigos manufacturados com aquelas matérias a venderem-se caríssimos, sendo enorme a crise de trabalho nas indústrias esnormes.

E' este o critério dos honrados negociantes portugueses, que, se ainda conseguem realizar fartos lucros, o devem em grande parte à protecção pautal, feita escandalosamente com prejuízo manifesto do progresso das indústrias e da bolsa dos consumidores.

os sindicatos discordantes da atitude da F. M. tomam desde já o compromisso de realizar um Congresso, mediante «referendum» dos sindicatos, de onde sairá um organismo federativo em conformidade com a doutrina desta moção.

Assim, a Conferência resolve:

1.º Nomear uma comissão de 7 membros que se denominará «Conselho Inter-Sindical dos Sindicatos discordantes da orientação da F. M. que representará e coordenará a acção dos sindicatos discordantes da atitude daquela Federação, tendo como missão, o seguinte:

a) De no prazo de 30 dias conforme resolução do Congresso Confederal, procurar solucionar este conflito, em conformidade com este documento.

b) Submeter desde já a um plebiscito das classes marítimas, a provável constituição dum novo organismo federativo, de harmonia com a doutrina desta moção.

c) Manter relações com todos os sindicatos e C. G. T., e representar os sindicatos discordantes da atitude da F. M. no Conselho Confederal daquele organismo».

Justificando esta moção, o autor diz estar previamente convencido de que ela não será aceite pelos dirigentes da Federação Marítima, visto que os seus interesses e objectivos são antagónicos aos dos trabalhadores organizados.

A requerimento de Joaquim do Carmo, é lida para ser discutida conjuntamente a de S. Noronha a moção José Francisco.

Francisco Dias, em nome dos Descarregadores do Vale do Carregado dá o apoio às moções.

Joaquim do Carmo requer que seja discutida e votada a moção de S. Noronha na especialidade. Aprovado.

Posta à votação a 1.ª conclusão é aprovada.

Discute-se a 2.ª que trata do próximo Congresso Marítimo.

José Mateus da Graça dos Chauffeurs Marítimos, julga difícil o Congresso pela despesa que o mesmo acarretará.

Júlio Mendes da Silva julga-o indispensável.

José Francisco é de opinião que se ponha esta questão a referendo dos sindicatos, podendo conjuntamente ser apresentado o estatuto do novo organismo federativo. Assim, to Congresso que julga indispensável, poderá reunir mais oportunamente quando haja possses.

João G. Pires, dos Estivadores de Portimão, afirma acreditar nas afirmações produzidas sobre esbanjamentos. Informa a Conferência de que os dirigentes da F. M. só numa «tournee» que fizeram ao Algarve, quando da greve dos marítimos de Faro e Olhão, gastaram, em menos de dois meses, 13.000\$000!

Na mesa é lido o seguinte telegrama:

«Direcção do Pessoal de Câmaras reunida, sauda todos os conferencistas, esperando que bastantes trabalhos serão aproveitados em prol das classes marítimas.»

«Comissão Administrativa».

José M. Graça, dos Chauffeurs Marítimos, refere que num comício realizado em Portimão, Luís Veríssimo, delegado da F. M., se limitou a aconselhar os operários a que confiassem nos políticos.

João G. Pires diz que, sendo partidário da I. S. V., não pode, todavia, concordar com o procedimento desses indivíduos que, longe de servirem o ideal, o desacreditam servindo os seus interesses particulares.

Posta à votação a segunda conclusão é aprovada.

Vida Sindical

C. G. T. Comité Confederal

Reúne hoje, às 20,30 horas, para preparação de contas a prestar ao Comité agora eleito.

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Comissão instaladora

Reúne hoje pelas 21 horas, para assuntos urgentes.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Federação da Construção Civil. — A fim de estabelecer-se a forma de pôr em prática algumas das resoluções tomadas na conferência de Santarém, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

— A's 20 horas a comissão administrativa do Construtor juntamente com o autor do drama «O Consente».

Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa. — Para assunto urgente, pelas 20 horas, os delegados do Comité da Sede.

S. U. da C. C. — Conselho Técnico. — A comissão administrativa, às 20,30.

Construção Civil de Linda-a-Pastora. — Reúne-se hoje, pelas 20,30 horas, o conselho fiscal para apreciar o relatório e contas da comissão administrativa.

— A assembleia geral reúne-se no dia 4 de Outubro próximo.

União Têxtil. — A direcção pelas 21 horas.

Manipuladores de pão. — As comissões administrativa e de melhoramentos, pelas 14 horas. Juntamente com os delegados da C. G. T.

Manufacturadores de Calçado. — A's 21 horas, os operários da casa Juvita, das escadarias do Marquês de Ponte de Lima, n.º 14

DIAS PRÓXIMOS:

Corticeiros de Belém. — A assembleia geral, pelas 17 horas, para tratar da baixa de salários, nomear fiscal para o corrente mês e outros assuntos.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reúne hoje pelas 20 horas.

Aulas de Educação Mútua. — Prosseguem amanhã, pelas 20,30 horas, os trabalhos da Aula de Educação Mútua da Secção de Santos.

Voz Sindical. — Os encarregados da venda avulso da «Voz Sindical» devem vir buscar hoje este semanário à sede central do Núcleo.

SALÃO DE FESTAS

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Sábado, 3 de outubro de 1925

(às 21 horas prefixas)

Grandiosa recita em auxílio da Escola da Construção Civil, com a representação da aplaudida peça em 4 actos do escritor Júlio Dantas